

Identificações/Mutações da educação frente à formação do objeto tecnologia educacional na pós-modernidade

*Mateus Roncada Nardini**

O texto a seguir trata-se de uma resenha de uma obra de Michel Foucault, “A Arqueologia do Saber”. O foco desta resenha consiste principalmente em tecer comparativos e linhas de pensamento sobre a formação dos objetos, trabalhada pelo autor neste livro, e o “objeto” tecnologia educacional, que está cada vez mais presente no ramo da educação. Para isso, baseio-me, também, em outros estudos foucaultianos e de outros autores que trabalham questões como: Sociedade, Novas Tecnologias e Identidades.

Primeiramente, há uma breve revisão sobre todo conteúdo trabalhado na obra resenhada, como também na fase arqueológica de Foucault. Logo após, há um aprofundamento de conceitos sobre o capítulo das “Regularidades Discursivas”, no qual o autor do livro discute a formação dos objetos mais detalhadamente. Tecem-se comparativos entre esses conceitos e outros que o são conexos a eles. Por fim, discutem-se as referências teóricas com base no cotidiano do autor da resenha e estudos feitos por esse e outros pesquisadores.

Michel Foucault é um nome muito conhecido no ambiente acadêmico. Suas idéias são discutidas nos mais variados campos como Direito, Filosofia, Educação, Psicologia, entre outros. A sua notoriedade se deve, em grande parte, por suas concepções polêmicas frente a assuntos como relações de poder-saber e sujeitos em geral que desconstróem muitas teorias de outros grandes pensadores da humanidade. Foucault foi professor de História dos Sistemas de Pensamento em Paris até 1984, quando faleceu em decorrência da AIDS.

“A arqueologia do saber”, publicado pela primeira vez em 1969, é um livro extremamente complexo, pois aborda toda a teoria de Foucault até então de forma a tentar demonstrar sua validade por meio da descrição de uma metodologia. Segundo Machado (2006), nesta obra, Foucault faz uma revisão crítica de seus trabalhos anteriores, explicando conceitos e organizando-os de forma metodológica, como se fosse um manual da pesquisa arqueológica.

A Fase da Arqueologia é, segundo Nicolazzi (2001), onde os textos de Foucault são encarados como acontecimentos discursivos; desde a “História da Loucura” (1961), no qual aparece pela primeira vez o termo “arqueologia da alienação”, no livro “As palavras e as coisas” (1966), com o termo “arqueologia das ciências humanas” e depois em “A arqueologia do saber” (1969) no qual o tema é

tratado de forma intensiva e explicativa. O livro “A arqueologia do saber” é o objeto dessa resenha. A obra é estruturada em cinco capítulos, incluindo uma introdução e uma conclusão.

Na “Introdução”, Foucault esclarece que nenhum método de pesquisa histórica consegue observar as reais mudanças com profundidade, pois se baseia somente em documentos que lhe foi dado e só se constrói em noções de continuidade, não oferecendo dados precisos, mas sim fora de contextos mais específicos. Também fica claro que essas “histórias” são simplistas, pois se asseguram da continuidade para “provar” que as mudanças são apenas tomadas de consciência dos seres humanos.

No segundo capítulo, intitulado “As regularidades discursivas”, o autor faz uma revisão, perguntando-se e tentando descobrir quais são as unidades reais que existem na história do discurso. Após analisar as formações discursivas (relações entre enunciados), ele percebe a existência de quatro unidades complexas que só podem ser estudadas em seus contextos históricos específicos e em sua grande variabilidade ao longo da história. Essas unidades são, segundo ele, os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias. Por fim, ele as descreve e observa as suas consequências de aparecimento na história dos discursos.

O terceiro capítulo, “O enunciado e o arquivo”, é dedicado ao campo de abrangência do discurso, desde sua menor unidade até sua totalidade histórica. As menores unidades, os enunciados, apesar de serem únicos, eles são os níveis mais detalhados nos quais o discurso pode ser analisado. Referem-se mais especificamente aos aspectos de articulação entre a linguagem e sua inserção na história. O enunciado é ativo, ele existe, é pronunciado, descritível. Já o arquivo, como Foucault define, é um nível geral de formação, transformação e armazenamento de enunciados e discursos já produzidos, o qual os sujeitos podem acessar para produzirem novos enunciados e sentidos em outros momentos históricos.

O quarto capítulo, “A descrição arqueológica”, mostra as diferenças entre a metodologia arqueológica de Foucault e a da história das idéias. Foucault demonstra sua metodologia de análise das formações discursivas e dos enunciados em quatro níveis de questionamento: o original e o regular, as contradições, os fatos comparativos e as mudanças

*Endereço eletrônico: mateusrn87@yahoo.com.br

e transformações. Mostra que, a partir desta análise, sua metodologia não se baseia nas continuidades históricas nem na generalização, mas sim na ruptura, o que preserva as diferenças e as irregularidades discursivas. No final deste capítulo, em “Ciência e Saber”, Foucault mostra como a arqueologia tem seu foco na história das ciências e como essa faz com que alguns saberes sejam legitimados e outros esquecidos.

Em sua “Conclusão”, Foucault se mostra um tanto satisfeito com seu texto e deixa claro que sabe o quanto de mal-estar ele causou com seus trabalhos teóricos no ambiente estruturalista da época. Ainda, revisa de forma mais informal todo o conteúdo trabalhado minuciosamente durante o livro, o que faz com que o leitor, ao final da leitura, tenha ainda um maior entendimento da metodologia aplicada pelo autor. Para concluir de maneira imponente, Foucault diz:

O discurso não é a vida: seu tempo não é o de vocês; nele, vocês não se reconciliarão com a morte; é possível que você tenham matado Deus sob o peso de tudo que disseram; mas não pensem que farão, com tudo o que vocês dizem, um homem que viverá mais que ele. (2009, p. 236).

Nesse livro, Foucault descreve detalhadamente toda sua metodologia arqueológica e explica seus métodos e objetos usados nos livros anteriores a esse, principalmente em “As palavras e as coisas”. Isso faz com que o conteúdo do livro seja extenso, denso e de difícil entendimento. Resenhar tal obra, por completo, é de certa forma, trabalhoso e pode ser superficial. Portanto, pretendo ater-me somente a alguns conceitos os quais considero importantes para minha pesquisa bem como para os meus questionamentos levantados dentro e fora das discussões empreendidas sobre esses textos.

Tomando como base a área das tecnologias inseridas no contexto educacional, vi nesse livro, várias ideias que levam a refletir sobre como essas foram legitimadas nesse ambiente, bem como quais foram as condições para que os enunciados que descreviam e elevavam as novas tecnologias ao patamar de “indispensáveis” à educação na pós-modernidade se sobressaíssem ao invés de outros, como Foucault (2009) mesmo mostra: por que esse enunciado e não outro em seu lugar?

Sob a influência desse pretexto, decidi por explorar mais profundamente os conceitos encontrados no Capítulo II desse livro, intitulado de “Regularidades Discursivas”. A própria divisão do capítulo já é interessante por si só, pois o autor vai desde desvelar as unidades do discurso até

considerações mais complexas como as formações discursivas, dos objetos, dos conceitos, das estratégias, de suas implicações e consequências. Ao ler esse capítulo, pude problematizar várias imposições a mim feitas e a partir dessa problemática levantar hipótese sobre como se deram os enunciados que chegaram até mim.

Já na primeira seção deste capítulo, “As unidades do discurso”, deparei-me com o conceito de descontinuidade trazido por Foucault. Esse e outros relacionados trazem problemas metodológicos e teóricos à história tradicional. De certa forma, é difícil adaptar-se ao conceito descontínuo, de ruptura, não que ele não faça sentido, pois como mostra Foucault (2009, p. 24), ele é um fortalecedor dos métodos de estudo do discurso de uma “população de acontecimentos dispersos”. Acontecimentos dispersos, porém, ainda, ao menos na visão de uma grande maioria, presos aos temas das continuidades, alguns dos quais o autor cita como as tradições, as influências, o desenvolvimento e a evolução, a mentalidade e o espírito e as origens. Estes impedem que se desvelem as unidades discursivas de um período.

Em meu contexto de pesquisa, dois desses me chamaram muito a atenção: desenvolvimento/evolução e mentalidade/espírito. O primeiro “permite reagrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos; relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador [...] descobrir, já atuantes em cada começo, um princípio de coerência e o esboço de uma unidade futura” (Foucault, 2009, p. 24). Os sujeitos pós-modernos¹, fragmentados, de identidades² diversas, surgem. O tradicionalismo escolar se mantém. As novas tecnologias barateiam-se. As novas velocidades do mundo globalizado³ aparecem. O consumismo desenfreado emerge. Vê-se o que era sólido tornar-se líquido⁴ perante as novas ordens do mundo contemporâneo. Pais sem condições e tempo precisam de outra instituição que mantenha seus filhos ocupados. As novas tecnologias são abraçadas pelos jovens e se tornam “objetos de consumo” cada vez mais descartáveis. A adaptabilidade juvenil às novas tecnologias é considerada uma evolução, pois junto a ela, todo o mundo pós-moderno se adapta. A escola, por mais tradicional que seja sua estrutura, precisa se desenvolver, então insere as tecnologias como “prova” de sua inserção nesse novo mundo. “Logo” a tecnologia é o futuro da educação. Esse, para mim, é um exemplo claro e prático de continuidade por meio da noção de desenvolvimento e evolução. Acontecimentos dispersos que culminam em uma conclusão incerta? Esperada? Difícil é analisar cada um desses fenômenos separadamente e entender aonde e como se agruparam.

- 1 Toma-se como sujeito pós-moderno a teorização feita por Hall (2005).
- 2 O termo “*identidade*” aqui se refere aos estudos feitos por Bauman (2005).
- 3 Entende-se por novas velocidades e globalização os conceitos trabalhados por Bauman (1999).
- 4 Tomam-se os termos sólido/líquido como referentes aos estudos feitos por Bauman (2001, 2007).

Já o segundo, mentalidade e espírito, “permitem estabelecer entre os fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época uma comunidade de sentido, ligações simbólicas” (Foucault, 2009, p. 24). A sucessão de crises de identidade, e a criação de novas identidades virtuais fazem com que a vida virtual seja algo tão comum como a vida natural, pois aquela já está internalizada na sociedade contemporânea, há sentido e simbolismo suficiente para que ela seja tomada como verdade e inquestionável. Mas por quê?

Foucault (2009, p. 31) explica que:

Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha geológica na história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica...

Portanto, pelo que pude entender nem o enunciado nem as unidades discursivas podem se esgotar de sentido inteiramente, logo trabalhar a descontinuidade e o momento da irrupção de um desses na história é o melhor caminho para o entendimento de seus sentidos produzidos naquele determinado tempo.

Ainda, mais à frente, na seção 2 desse capítulo, “As formações discursivas”, o autor procura desvendar e reconhecer os laços existentes entre enunciados familiares. Após levantar quatro hipóteses, ele chega a uma conclusão sobre essas quando

se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...] diremos, por convenção,

que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2009, p. 43).

Essas ainda estarão submetidas às regras de formação, outro conceito explorado pelo autor, que são os objetos, as modalidades de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas de cada formação.

Nas seções seguintes, o autor desvela cada uma das regras de formação, porém, meu interesse maior é na formação dos objetos e como as distintas formações discursivas modificam e criam objetos de acordo com o momento sócio-histórico atual e com a ordem do discurso.

A minha reflexão por meio desse conceito, teve como objetivo entender a formação do objeto “tecnologia educacional”. Para início, tentei entender as várias formações discursivas que fazem uso desse objeto na atualidade. Os enunciados que legitimam as novas tecnologias na educação vão desde formações mais científicas até as mais populares, e o objeto em questão não é o mesmo em cada esfera discursiva citada, são objetos parecidos, porém diferentes em suas épocas e em suas ordens respectivas de discurso. Essas são, como diria Foucault (2009), as primeiras superfícies de emergência enunciativa de um objeto.

Primeiras superfícies, mas não definitivas. O aparecimento de objetos passa também por uma instância de delimitação, a qual se dá via ordem do discurso. Deve-se legitimar e “lapidar” o objeto que se deseja criar/mostrar/moldar. Por exemplo, o que se entende por tecnologia educacional no meio científico não é o mesmo que se entende por esse mesmo objeto quando citado em uma formação discursiva mais popular, no caso uma escola de educação básica. Em cada esfera, o objeto foi moldado de acordo com a ordem do discurso vigente.

Para uma análise mais específica desse ou desses objetos semelhantes, Foucault (2009) propõe uma grade de especificação, onde se separam, opõem, associam, classificam e derivam os vários objetos comuns de formações discursivas distintas.

Vale ressaltar ainda, com Foucault (2009, p. 50)

que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. [...] o objeto não espera nos limbos a ordem que vai libertá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de

relações. [...] Elas não definem a constituição interna do objeto, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles, definir sua diferença, sua irreducibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade; enfim, ser colocado em um campo de exterioridade.

Essa citação, para mim, é a mais coerente de todas quando o autor fala sobre a formação dos objetos. À luz dessa teoria posso dizer que o objeto tecnologia educacional só foi possível de ser dito após várias irrupções, rupturas históricas que, por mais descontínuas que sejam, culminaram na formação desse objeto, não como algo novo, mas como algo lançado e moldado para servir a ordem do discurso vigente na pós-modernidade, as novas velocidades, as novas sociedades, o consumo, as novas necessidades criadas e intensificadas pelo próprio objeto em questão. Um objeto que quase se institucionalizou, que foi internalizado nas relações humanas e que ganhou espaço frente a outros objetos pelas condições de sua aparição e pelas facilidades e prosperidades que os enunciados legitimadores fizeram parecer legítimas, únicas e irreducíveis.

As relações discursivas não são internas ao discurso, mas sim exteriores a ele. São limítrofes, objetos são ofertados para serem reformulados em suas grades de especificação. São legitimados e interiorizados pela ordem discursiva vigente. Tomados como verdades incontestáveis.

A leitura do livro “A arqueologia do saber”, propiciou-me uma visão mais clara do meu objeto de pesquisa, bem como a visão de que a metodologia arqueológica pode ser usada em todas as áreas, mesmo que paralela a outras metodologias, ela sempre acrescenta alguma

problemática válida. Apesar de denso, o livro pode ser explorado por partes, a interesse do pesquisador-leitor, como no caso descrito nessa resenha. As reflexões produzidas aqui não são só de caráter acadêmico mas também de caráter pessoal e podem ser utilizadas para buscar um entendimento mais profundo dos acontecimentos discursivos aos quais somos todos sujeitos e tentar entendê-los de uma forma mais complexa, procurando informações valiosas aonde antes não se via nada.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. São Paulo: Jorge Zahar, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.
- MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed.rev. E ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- NICOLAZZI, F. F. *A história de Michel Foucault*. Curitiba, 2001. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra12/foucault.htm>>. Acesso em 10 out 2010.

Sobre o autor:

Mateus Roncada Nardini é graduado em Letras- Português/Inglês e Análise de Sistemas, mestrando em Educação pela Universidade São Francisco (USF) e professor de língua inglesa no CCAA – Unidade Amparo/SP e também na Prefeitura Municipal de Tuiuti/SP. Interessa-se por estudos na área de Novas Tecnologias e Educação, principalmente no que tange ensino de línguas estrangeiras.